

O IDOSO INSTITUCIONALIZADO, FAMÍLIA E SERVIÇO SOCIAL: UM ESTUDO DE CASO NA ASSOCIAÇÃO DE AMPARO AO IDOSO JR.

Andreane Pereira Moreira

CEPEX-DH Centro de Estudos Pesquisa, Extensão e Desenvolvimento Humano

Resumo do artigo: Esse artigo objetiva a análise das condições em que se encontram uma grande parte do segmento populacional idoso na contemporaneidade, na medida em que observa-se, um aumento na expectativa de vida e a aceleração observada nos tempos atuais que incluem a diminuição da família estendida para o cuidado com o seu idoso. Esta pesquisa apresenta um estudo de caso, a partir de análises empíricas e estudos bibliográficos que comprovam a opção por parte do familiar da institucionalização do idoso como saída para as demandas da atualidade. Foram realizadas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com os idosos assistidos pela instituição, familiares, e profissionais que atuam na ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos), de acordo com os resultados obtidos, nota-se a ausência do familiar funcionando como mola propulsora para desencadeamento e aumento de doenças psicossociais associadas às perdas do envolvimento afetivo-familiar.

Palavras-chave: Pessoa Idosa, Família, Serviço Social, Institucionalização.

Introdução

A presente pesquisa sob o tema: A Importância da participação efetiva do familiar na vida do idoso institucionalizado na Associação de Amparo ao Idoso JR, pretende analisar fatores que levam a institucionalização dos idosos em nossa sociedade, procurando conhecer as etapas que culminam com este processo.

O presente trabalho de pesquisa parte do pressuposto de que o trabalho da equipe interdisciplinar dentro de uma instituição de longa permanência, como é o caso da Associação de Amparo ao Idoso JR, deve estar articulado com o familiar deste idoso institucionalizado a fim de que, este tenha a preservação dos vínculos familiares e de sua história de vida, no intuito de se amenizar os impactos sofridos a partir do distanciamento do seu lugar de origem.

Caminho Metodológico: Os Sujeitos do estudo de caso

A metodologia em questão apresentou-se tendo a pesquisa quanto aos objetivos como explorativa, haja vista os levantamentos bibliográficos e observações empíricas que foram utilizadas para o desenvolvimento deste trabalho.

Visando sigilo a respeito das informações obtidas, de forma a salvaguardar a identidade dos idosos pesquisados neste trabalho, serão utilizados nomes fictícios simbolizados por nomes de pedras preciosas, quando necessário a reprodução da fala do autor na íntegra.

Os atores abordados nessa entrevista foram os idosos assistidos pela Associação de Amparo ao Idoso J R, familiares dos idosos e a equipe profissional que atua diretamente no trato com estes idosos institucionalizados, no intuito de saber como atuam no sentido da promoção de qualidade de vida destes.

Os instrumentos de coleta de dados que forneceram subsídios no intuito de agregar informações à pesquisa apresentada, foi a utilização da entrevista semi-estruturada aplicada com dez familiares de idosos, quinze idosos residentes na Associação de Amparo ao Idoso J R, dentre estes sujeitos quatro foram do sexo feminino e onze do sexo masculino, como também dez questões com profissionais que atuam diretamente com os idosos e atendem na instituição, dentre eles: a profissional do serviço social, a profissional de enfermagem, a nutricionista, a fisioterapeuta, uma das técnicas de enfermagem e uma das cuidadoras.

Antes da aplicação da entrevista, foi informado e aplicado termo de consentimento Livre e Esclarecido, constando objetivo da entrevista, e a informação de que sua identidade e qualquer dado que comprometesse sua imagem ou identidade seriam preservados.

Atuação do Serviço Social na Associação e Amparo ao Idoso J.R

O papel do assistente social com relação ao idoso institucionalizado é de fundamental importância; já que o serviço social constitui-se como porta de entrada para identificação e orientação de demandas expressas pela pessoa idosa.

A conscientização junto ao familiar se faz necessária e urgente, já que o idoso não pode simplesmente ser depositado em um abrigo, sendo cuidado exclusivamente por pessoas estranhas ao seu convívio de toda uma vida, este idoso precisa sim de cuidados técnicos, mas que não substitui a presença, afeto, compreensão e colaboração dos familiares.

Verifica-se na fala da atual profissional do serviço social a constatação dessa problemática: *"Percebo os idosos muito carentes, necessitando de serem ouvidos, vejo também que muitos familiares usam a instituição como depósito de gente, alguns veem ainda como a porta da liberdade, alguns idosos já não querem participar de nada e outros se chamados a participar até vão, mas não tem mais iniciativa"*. (Assistente Social da ILPI).

De acordo com entrevista realizada com a profissional do serviço social, documentações comprobatórias e observação empírica, estes agravantes têm chamado à atenção com relação à importância da orientação com o familiar para que o mesmo perceba a importância da presença efetiva do familiar, de forma a garantir qualidade de vida e sentimento de pertença ao idoso.

O assistente social deve atuar, sempre que possível com os demais profissionais, numa ação interdisciplinar que congregue esforços no seu fazer cotidiano e na aliança de parceiros para a consolidação dos direitos dos idosos, principalmente os da seguridade social: saúde, previdência e assistência social. São importantes, também ações profissionais na esfera da educação, não só para os idosos, mas para todas as gerações, para que aprendam a conhecer e a respeitar os idosos, para que estabeleçam laços sociais de intercâmbio intergeracionais e para que se preparem para a velhice (GOLDMAN, 2005, p. 2).

Nesse contexto, o serviço social entende a importância da tomada de consciência de que, a ausência familiar, oportuniza o agravamento da saúde física e psicológica do idoso, perpassa pelas atribuições do serviço social, quando este através do seu instrumental teórico-metodológico promova a emancipação do sujeito idoso/familiar, no sentido de se fazer refletir que a opção da institucionalização não substitui a necessidade do contato e interação familiar. Fato comprovado

com a constatação observada na fala da profissional: *“Tento ouvi-los, dar atenção, carinho e mostro que a institucionalização não é o fim da vida, e sim um lugar que pode ser muito produtivo para eles, e que eles podem ser produtivos ainda, busco fazer valer seus direitos básicos de viver bem, de ter lazer, tento mostrar aos outros colaboradores que idoso é idoso, e não criança, que devem ser tratados como tal, que estou aqui para garantir esses direitos, muitas vezes é bastante complicado isso”*.

Ainda conforme colocações da profissional do serviço social fazem parte de suas atribuições: o planejamento, e execução de projetos ou mesmo atividades no campo do serviço social, realizando e orientando acerca da problemática do idoso; a promoção de inquéritos sobre a situação do idoso a ser abrigado, realização das triagens nos casos apresentados para posterior estudo, observando com vistas à solução, ou minimização adequada dos problemas apresentados, realizando investigação dos antecedentes familiares, orientando também a família com relação ao recebimento de benefícios; providenciando quando necessário o devido encaminhamento ao amparo através dos serviços de assistência ao idoso, e principalmente orientando o familiar quanto à necessidade de não se perder os laços familiares com o idoso abrigado.

Percebem-se, entretanto, os limites de ação ao profissional do serviço social na atuação com o segmento idoso, pois como a globalização, privilegia a produção humana, como fator fundamental ao desenvolvimento, o idoso institucionalizado, que nada mais produz em termos econômicos, vive quase sempre afastado dos valores que permeiam a família e conseqüentemente a sociedade atual, na medida em que se esquecem de que o idoso de hoje, já foi produtivo, possui experiência de vida que poderiam ser valorizados e compartilhados, proporcionando a saída de muitos idosos institucionalizados do isolamento social e existencial que permeiam e dificultam suas vidas.

“No que se refere a fazer valer os direitos do idoso institucionalizado não conheço limites, se for em termos de minha atuação como profissional, porém, só posso colocar em prática projetos de baixo custo, custo zero, ou que sejam patrocinados externamente”. Dentro de minhas possibilidades estão a minha luta por proporcionar qualidade de vida para eles, com mais passeios, atividades intelectuais que estimulem o raciocínio, incentivando os familiares a participarem das atividades lúdicas e recreativas, tentando promover a integração que é esperada e desejada. *“Muitos sonhos...”* (Assistente Social da Instituição).

Dessa forma, se faz necessário, o empoderamento do próprio idoso acerca das questões relativas à sua autonomia e cidadania, como o conhecimento das políticas que os cercam e as

possibilidades de envolvimento em termos de participação nos conselhos e decisões que afetam diretamente sua vida.

Apresentação dos resultados da pesquisa

Com a finalidade de sistematizar as informações obtidas, a respeito da qualidade de vida do idoso institucionalizado na Associação de Amparo ao Idoso JR, e oportunamente sua relação direta com o familiar e equipe profissional, foram aplicadas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, buscando respostas para a institucionalização da pessoa idosa.

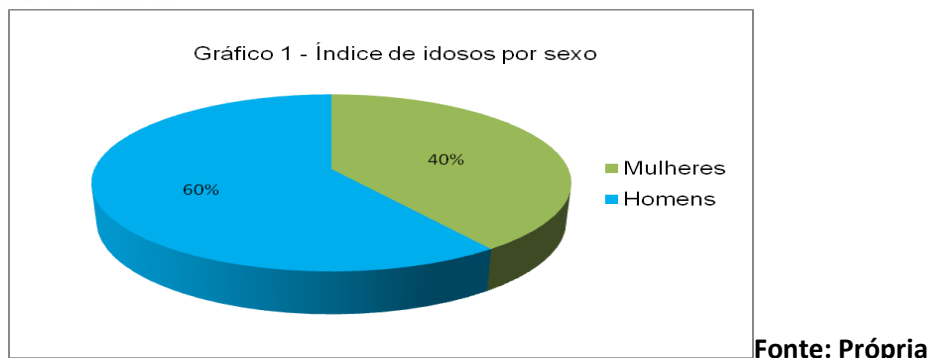
Com relação aos familiares pesquisados 75 % responderam que a motivação para a institucionalização, deveu-se ao fato de que o idoso, residia sozinho e devido às complicações de saúde, visando sua própria segurança, a família optou pela institucionalização; outros 25%, afirmaram que a institucionalização foi a saída para a falta de tempo para o cuidado com o mesmo; 50% dos familiares pesquisados acreditam que visitas mais frequentes fariam bem ao familiar idoso e a saída seria a organização do tempo para realizar as visitas.

Outros 50%, concordam quanto à validade das visitas e apontam a saída como organização familiar para torná-las mais frequentes. O tempo dedicado aos idosos em 95 % dos casos é de apenas 1 a no máximo, 2 horas. 100% dos familiares pesquisados entendem ser a saudade o maior sentimento do idoso com relação à família; concordam também que as visitas mais frequentes trariam maior qualidade de vida aos mesmos. Questionados sobre a possibilidade de retorno do idoso institucionalizado ao seio familiar, são unânimes ao responderem pensar ocasionalmente nesta hipótese.

Dos 32 idosos atualmente residentes na instituição foram pesquisados 15, devido à intercorrências internas e/ou o fato de uma grande parcela apresentar alterações cognitivas e/ou psicológicas que os impediram de uma participação direta, mas que também contribuíram para a pesquisa em questão.

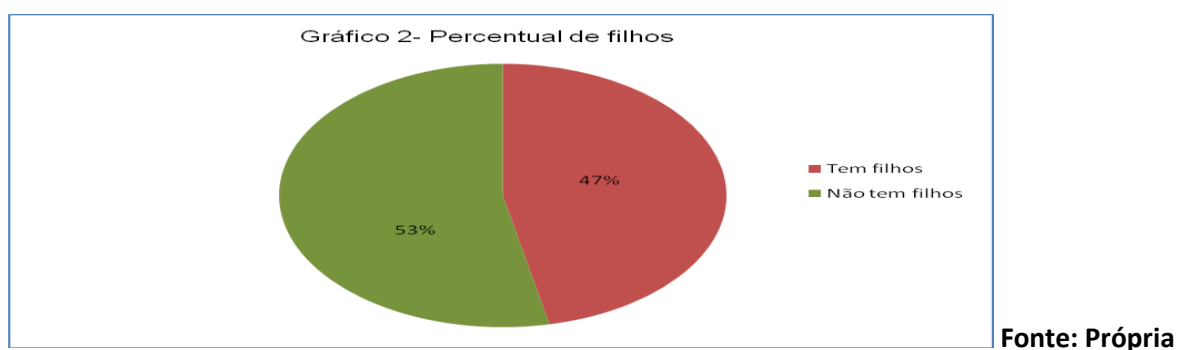
Dentre a totalidade dos entrevistados, percebe-se que a população idosa pesquisada situa-se na faixa etária compreendida entre 63 e 86 anos, maioria de homens, sem filhos, grupo que apresenta maior índice de abandono.

Gráfico 1 - Índice de Idosos Institucionalizados por Sexo



O gráfico supracitado apresenta informações que apresentam o acesso à institucionalização com número acentuado de indivíduos do sexo masculino, devido a fatores como, conforme relatos em entrevistas, uma parte significativa dos homens residentes na Associação de Amparo ao Idoso JR, nunca casaram e/ou nunca tiveram filhos; e ainda outro fator que se coloca como salutar, estão os conflitos familiares que exteriorizam-se na fase última da vida como o distanciamento como forma de revide por situações sofridas pelos filhos na infância. De acordo com reflexão de Neri (2008).

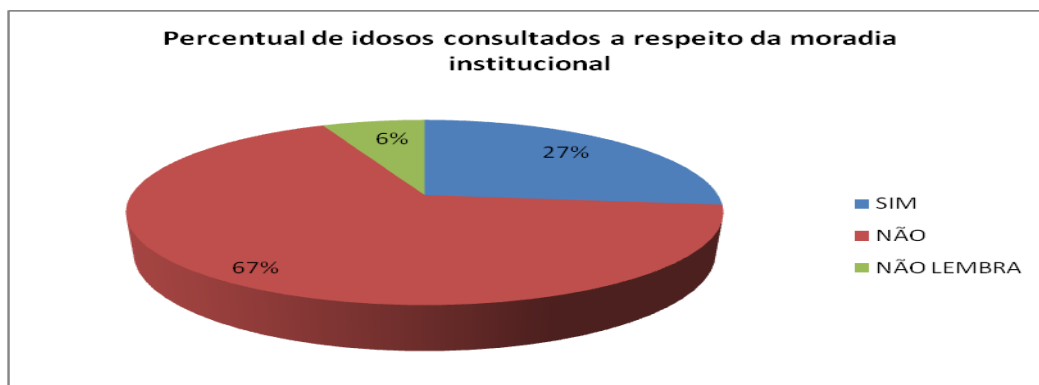
Gráfico 2 – Percentual de filhos



Verifica-se o quantitativo idosos pesquisados entre 63 e 86 anos dos quais 53% entre homens e mulheres não tem filhos, dados como esses são confirmados através da observação realizada pela pesquisadora, enquanto era aplicada a entrevista ao Sr Cravo, que respondia inicialmente, de bom grado às indagações, quando se começa a falar sobre a temática família e seus aspectos consanguíneos, o mesmo fecha-se, decai-lhe o semblante, e limita-se apenas à assentir ou negar com gestos, o que lhe é perguntado.

A respeito desta observação, cabe referenciar conforme Perracini (2009), quando afirma que com o decréscimo da natalidade verificado na contemporaneidade, ocorre a diminuição dos laços afetivos-familiar e conseqüentemente um maior distanciamento entre parentes consanguíneos.

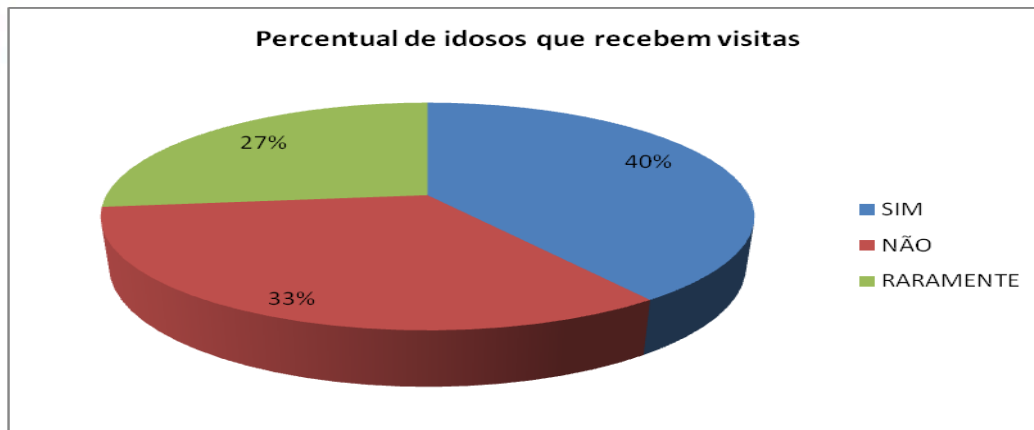
Gráfico 3 – Percentual de idoso pesquisados quanto a moradia institucional



O gráfico acima, mostra de maneira clara que a vontade do idoso, na maioria dos casos não é levada em consideração, associando a industrialização e seus impactos sobre a família como um dos causadores do isolamento social, sofrido particularmente pelos idosos institucionalizados que acabam, de certa forma, sendo excluídos dos vínculos comunitários e de parentela.

Concordando com Whitaker (2007), aponta a falta de preparo da sociedade em geral para esta etapa da vida, culminando com inadequações, como se observa a partir do resultado da pesquisa exposta no gráfico acima, no qual verifica-se, devido às necessidades impostas pelos novos arranjos familiares, que o idoso e toda sua história é silenciada no que diz respeito a sua própria vida.

Gráfico 4 - Percentual dos idosos que recebem visitas



Fonte: Própria

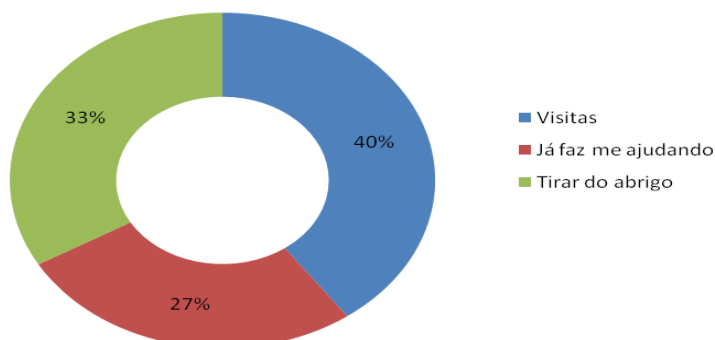
O gráfico acima apresentado evidencia a situação vivenciada pela maioria dos idosos institucionalizados na Associação de Amparo ao Idos JR, quando estes dados por si só, denunciam o isolamento social a que são submetidos a maioria dos idosos, representando 60% os idosos que, segundo a pesquisa em questão, ou não possuem qualquer contato com o familiar, ou raramente o tem. Fica visível de acordo com os dados acima e colocações dos profissionais da instituição que apontam a maioria dos familiares como pouco frequentes nas visitas e cuidados com o idoso.

Esta constatação, reforça o que foi dito nos capítulos anteriores em que conforme Zimmerman (2000, p. 24), na velhice associada a institucionalização ocorre quase sempre diminuição gradativa, culminando com a perda dos contatos sociais na medida em que, “[...] se tornam reduzidos em função de suas possibilidades, distâncias, vida agitada, falta de tempo[...]”.

A autora supracitada afirma ainda, que o sentimento que permeia os idosos institucionalizados esquecidos pelo familiares se traduz na sensação de abandono, quando se verifica com o passar do tempo de institucionalização, a diminuição da frequência familiar, contribuindo para a oportunição de problemas de saúde em geral.

Gráfico 5- Percentual quanto a melhoria da qualidade de vida de acordo a com a participação dos familiares

Gráfico 5 - Percentual quanto a melhoria da qualidade de vida com a participação dos familiares



Fonte: Própria

Verifica-se conforme dados acima, como a falta do familiar e sua afetividade impacta negativamente na qualidade de vida do idoso institucionalizado, de acordo com situações observadas como no relato de Lírio 82 anos: *“Eu morava na minha casa só, tinha um terreno muito grande, mas comecei a adoecer e meus filhos não tinham tempo de me levar ao médico, daí me prometeram que iriam encontrar um lugar para eu morar, onde eu teria assistência médica. Aí eu vim para cá. Mas quando cheguei aqui, é tudo diferente, ninguém liga, nunca mais eles vieram me visitar, o que eu quero é ir embora, voltar para minha casa”*.

Ainda conforme relato apresentado por idoso institucionalizado na Associação de Amparo ao Idoso JR, verifica-se a idéia da finitude associada à perdas e institucionalização como destino final, conforme o que segue:

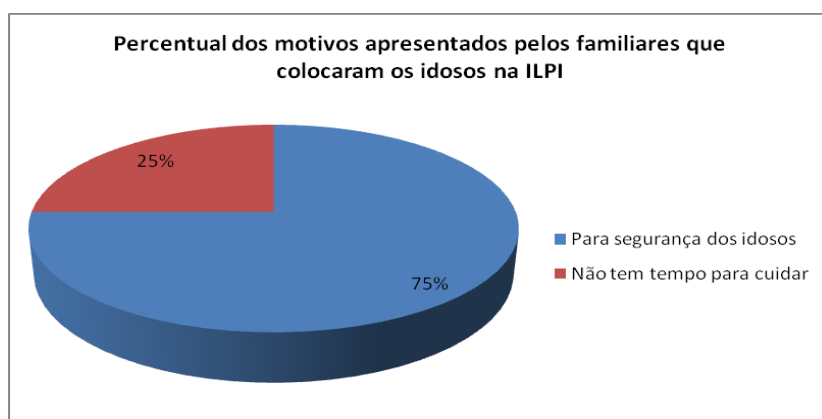
“Me dou bem com todo mundo aqui, não tenho sentido de voltar, Deus que vai determinar se vai me levar para os braços dele, ou se vou a outro lugar. Eu estava doente morando só, e pedi a Deus que me desse uma família, pouco tempo depois minha filha chegou lá e me levou para casa dela, mas ela também estava adoentada, tinha problema de coração... Eu pedi a Deus e Ele usou ela como anjo para me trazer aqui, tenho saudades porque Deus tomou ela pra sí. Ela já tinha acertado toda a comemoração do meu aniversário, mas, poucos dias antes eu recebi a notícia que ela tinha falecido...(choro)... Tenho que carregar minha cruz, porque mais pesada carregou Jesus. (Cristal, 86 anos).

De acordo com esses relatos percebe-se a idéia da finitude da vida atrelada à institucionalização, como lugar de espera para o fim da vida, de modo que conforme exposição de Curado, Campos, Coelho (2007), há a necessidade de se investir nos ambientes institucionais de modo a propiciar qualidade de vida, oferecendo ao idoso institucionalizado oportunidade de socialização através da cultura e terapias; o que retorna de forma positiva em grande impacto

social, propiciando qualidade de vida ao idoso mesmo quando este apresenta declínios físicos ou psicológicos.

A presente pesquisa atuou também com relação aos familiares, no entanto, devido ao fato de muitos terem ido residir na instituição devido a falta de um familiar que lhes dessem uma assistência; do quantitativo de idosos institucionalizados, só foi possível a realização da entrevista com apenas 4 familiares.

Gráfico 6 – Motivos apresentados pelo familiar para institucionalização do idoso



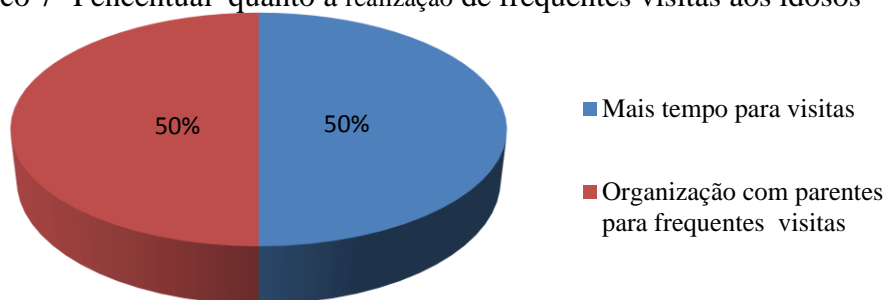
Fonte:Própria

De acordo com o gráfico acima, percebe-se que o total afastamento do familiar com relação ao idoso na etapa última da vida, quando este encontra-se quase sempre afastado dos seus familiares, residindo sozinho, oportunizando o agravamento do quadro clínico ou psicológico de saúde; nesse contexto, o natural na contemporaneidade é a opção pela institucionalização.

Conforme Driusso, Chiarello (2007), a velocidade e o processo de comportamento imposto pela globalização na atualidade, resultam na exclusão total ou parcial da pessoa idosa, causando o distanciamento afetivo-familiar.

Percebe-se de modo geral que a esporadicidade das visitas estão quase sempre aliadas ao pouco espaço de tempo dedicados ao familiar idoso, quando na maioria das entrevistas percebe-se que estas não excedem o tempo de duas horas de visita. Finalmente nota-se o desejo de partilhar a responsabilidade do cuidado com outros familiares, quando na realidade, não se consegue de fato, segundo dados observados e tabulados no presente trabalho e explícita conforme resultado de pesquisa apresentado no gráfico a seguir:

Gráfico 7- Percentual quanto a realização de frequentes visitas aos idosos



A não disposição do familiar no cuidado com o idoso, fato consubstanciado por Whitaker (2007), expõe a leitura do comportamento da sociedade como um todo com o idoso na atualidade, traduzida como uma pouca compreensão, respeito e interesse com as necessidades de aceitação e inclusão do idoso no contexto social, resultando em exclusão social que se apresentam na realidade observada nas ILPIs, traduzido por um amotinado de cidadãos envelhecidos, esquecidos e presos somente às suas parcas lembranças vividas no passado.

Conclusões

Neste trabalho foi possível observar o quanto os novos arranjos familiares, observados na contemporaneidade, elenca uma série de contradições que reverbera de modo negativo especialmente sobre o familiar idoso. Fato verificado na atualidade através da mudança dos valores comportamentais na sociedade como um todo, e que atingem sobremodo o familiar idoso.

Observa-se o cidadão idoso, no alvorecer de sua existência sendo tolhido do seu direito à socialização. Situação atribuída na maioria das vezes, pela diminuição natural e gradativa de sua agilidade e de saúde; preteridos pela rapidez dos novos tempos, e a necessidade auto-imposta pelo mundo globalizado, caracterizada pela produção acentuada e frenética, que isola o indivíduo em processo de envelhecimento do contexto sócio-familiar.

A institucionalização de idosos, nos últimos tempos tem se colocado como solução para a problemática do aumento da longevidade no país, o que se contrapõe às necessidades urgentes de seus familiares. Há de se conclamar a atenção da sociedade e família, sobre a necessidade de não se perder de vista, o valor da questão emocional que envolve as relações familiares, e principalmente com relação ao idoso, que a esta época da vida, acumulou perdas e resta como ponto de apoio apenas o familiar.

Desse modo, a família constitui fator importante na manutenção da qualidade de vida do idoso na ILPI, principalmente por ocasião de sua institucionalização, devendo estes, optarem pela disposição e consciência a respeito da importância ímpar de continuarem fazendo parte de suas vidas.

O trabalho em questão apresenta-se como um tema em voga, dado às demandas observadas no atual contexto social brasileiro, envolvendo o segmento idoso. De forma a despertar a atenção da família e sociedade, para o processo do envelhecimento que é um fato comum e deveria ser também esperado e programado, já que se trata de um período linear do desenvolvimento humano. Do qual não se escapa, por se tratar do curso normal da natureza.

Referências

CURADO, Eliane Moreira; CAMPOS, Ana Paula; COELHO Vera Lúcia. **Como é estar na velhice? A experiência de mulheres idosas participantes de uma intervenção psicológica grupal.** Ser Social 21. 2007.

DRIUSSO, Fabiana. **Sistema Digestório e o Processo do Envelhecimento. Fisioterapia Gerontológica.** Manuais de Fisioterapia. MONTEIRO, Claudio Guimarães; GAVA, Marcos Vinícius. Ed Manole: São Paulo, 2009

FALEIROS, Vicente de Paula; REBOUÇAS, Monica. **Gestão Social por sujeito/ idade na velhice.** In _____FALEIROS, Vicente de Paula; LOUREIRO, Altair Macedo Lahud (orgs). Desafios do Envelhecimento, Vez, Sentido e Voz. Taguatinga, DF; Editora Universa: 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDMAN, Sara N. **Envelhecimento e ação profissional do assistente social.** Cadernos Especiais, v. 4, n. 8, p. 5-18, 2005.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras Chaves em Gerontologia.** 3ª edição, São Paulo: Ed Alínea, Coleção Velhice e Sociedade, 2008.

PERRACINI, Monica Rodrigues FLÓ, Claudia Marina; GUERRA, Ricardo Oliveira. **Funcionalidade e Envelhecimento.** Fisioterapia Teoria e Prática Clínica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan 2009.

WHITAKER, Dulce C. Andreatta. **Envelhecimento e Poder. A posição do idoso na contemporaneidade.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2007.

ZIMERMAN. Guitte I. **Velhice, Aspectos Biopsicossociais.** Ed Artmed: Porto Alegre, 2000.